Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL Documentação
onte OESP
Data 17/11/96 Pg D5
Cedis 4527

LIVROS

Historiador mostra índio segundo europeu

'Imagens da Colonização', de Ronald Raminelli, constrói um painel rico e detalhado das representações do habitante do Novo Mundo nos textos e na iconografia européia dos séculos 16 e 17

FERNANDA PEIXOTO
Especial para o Estado

O título do livro do historiador Ronald Raminelli, *Imagens da Colonização*, traduz com fidelidade os propósitos do autor e os resultados alcançados pelo trabalho. Ao final da leitura, temos diante de nós um rico e detalhado painel construído a partir de textos e da iconografia européia dos séculos 16 e 17, onde as terras e os homens americanos ocupam lugar destacado. As representações dos índios como bárbaros, selvagens e antropófagos, como seres estranhos dotados de características demoníacas, além de atestarem a dificuldade de apreensão da diversidade cultural pelo imaginário do Ocidente, serviram para justificar a dominação econômica, política e espiritual européia. Afinal, somente com a conquista e com a colonização seria possível livrar os nativos de seus "costumes abomináveis".

FALTA AO LIVRO UM MAIOR VIGOR TEÓRICO

As imagens do índio inventariadas ao longo do volume, indica o autor, devem ser compreendidas a partir de uma dupla chave analítica: de um lado, só fazem sentido se pensadas em sua relação com os projetos coloniais em curso; de outro, a partir das tentativas de adequação da realidade americana ao léxico europeu do período. Assim, com um olho na América e nas práticas coloniais e outro na Europa e nas várias explicações acionadas para dar conta da "inferioridade" das populações ameríndias, Ronald Raminelli abre uma nova via de acesso para o entendimento do período colonial.

Os relatos de religiosos, como o padre Simão de Vasconcelos e o frade Yves d'Evreux, os tratados filosóficos de Montaigne e La Boétie; os testemunhos de Caminha, Nóbrega e Anchieta e os escritos de Jean de Léry, entre outros, constituem parte do material trabalhado. As gravuras de Etienne Delaune, Jean Mignon, Albert Eckhout, Theodor de Bry, etc., por sua vez, fornecem novo acervo de símbolos utilizados pelos europeus para pensar — e divulgar — o mundo e o homem da América. As imagens e estereótipos forjados por colonizadores e religiosos permitem entrever, entre outras coisas, o intenso debate acerca da escravidão indígena. Enquanto os jesuítas proclamavam as potencialidades cristãs dos nativos, reafirmando o sucesso da conversão, os colonos bradavam a inviabilidade da catequese e da adequação dos índios ao trabalho escravo.

Cotejando traços e palavras, o intérprete procura apreender a migração de sentidos do texto para a tela e o descompasso freqüente entre o simbolismo expresso nos relatos e aqueles fixados pela mão do artista. Se o cotidiano indígena, seus comportamentos sexuais e práticas rituais ganharam significações estranhas à tradição nativa, já que foram "traduzidos" para a matriz cultural européia, não podemos esquecer, mostra o autor, que os estereótipos forjados pelo olhar europeu ganharam tonalidades distintas nas representações textuais e nas pictóricas. Exemplo claro desse deslizamento de sentido são as imagens produzidas sobre o canibalismo. Enquanto os discursos quinhentistas e seiscentistas enfatizam a predominância masculina na guerra, na vingança e nos rituais antropofágicos, as representações gráficas contrariam o sentido dos textos e apresentam as mulheres como protagonistas dessas cenas, numa clara associação das índias às bruxas e feiticeiras, estas sim largamente conhecidas. "As guerras, a antropofagia e as mulheres seriam os meios ideais para recriar uma ambientação infernal, uma atmosfera fantástica e atemorizadora bem ao gosto da época."

Amazonas desviam a atenção do europeu para que uma outra golpeie sua cabeça (ilustração de 1509 para um episódio narrado numa das cartas de Américo Vespúcio)

Os sentidos se metamorfosearam também no momento em que cruzaram o Atlântico. O conceito de "bárbaro", por exemplo, freqüentemente utilizado para descrever o índio das terras americanas, e que se insere numa tradição que remonta à Grécia antiga, atuou de forma específica no contexto colonial, acionado para fundamentar a conquista e os projetos coloniais. "As representações pictóricas do índio ressaltam os aspectos do barbarismo e reafirmam o estereótipo, servindo aos colonizadores como princípio moral para a intervenção na América."

É interessante notar as particularidades do olhar português para a América, indica Raminelli. Se os franceses — Montaigne, Rabelais, Ronsard — recorreram ao índio brasileiro para pensar o "homem natural", em uma crítica aos artificialismos da sociedade européia, em Portugal pairou um relativo silêncio em relação aos ameríndios; aí, o grande fascínio continuava sendo o Oriente e os grandes impérios. A indiferença portuguesa em relação aos homens dos trópicos pode ser atestada pelo descaso em relação às informações trazidas regularmente pelos viajantes. As representações do índio na cartografia lusa são antes devedoras dos mapas alemães; não da observação das terras brasileiras.

Arrolando temas e clichês relacionados ao universo americano, sempre atento aos deslizamentos de significados e às "pseudometamorfoses" sofridas pelos conceitos, Ronald Raminelli realiza fina carpintaria, combinando habilidade historiográfica no manejo das fontes e forte sensibilidade antropológica. Isso para não falar em seu talento narrativo. Que mais pedir? Talvez um vigor teórico condizente com a riqueza do painel composto, que seguramente contribuiria para engrandecê-lo. De fato, o andamento expositivo e interpretativo dos cinco capítulos do livro encontra-se quebrado na conclusão do volume, que funciona como uma espécie de anticlímax. As possibilidades analíticas anunciadas ao longo do volume não são exploradas como poderiam, seja na interlocução estabelecida com Sahlins acerca das relações entre história e antropologia — que o autor apresenta mas não faz render —, seja na crítica aos etnólogos, apenas indicada, mas pouco fundamentada. Por que, afinal, os tupinólogos leram os relatos europeus sobre os tupinambá "alheios aos princípios da colonização"?

Mesmo as relações entre representações e projeto colonial, tantas vezes indicada, poderiam ser melhor exploradas com a ajuda de autores como Edward Said, por exemplo, que, embora voltado para outro período, explora exaustivamente as articulações entre cultura e imperialismo. Said trabalha as imagens produzidas sobre o Oriente, a África, a Índia, etc. no interior de sistemas de conhecimento, como discursos inseridos em configurações de poder específicas, o que lhe permite virar do avesso os nexos existentes entre materiais culturais e experiência histórica.

■ *Fernanda Peixoto é professora da Unesp /Araraquara, colaboradora do Cebrap e doutoranda em Antropologia Social na USP*

SERVIÇO

Imagens da Colonização, *de Ronald Raminelli, Jorge Zahar Editor, 186 páginas, R$ 19,00*